

RAMÓN PASQUAL MUÑOZ SOLER

HOLOEPISTEMOLOGIA

Traduzido por Edelweiss Blanes Martinez



HOLOEPISTEMOLOGIA¹

O **paradigma holístico**, como estrutura de interação dinâmica entre o “Todo-e-as partes”, pode ser abordado tendo como objetivo uma hermenêutica da ciência integrada,

como metafísica do conhecimento,
como gen-ética do desenvolvimento,
como metodologia de síntese.

Holoepistemologia como metafísica do conhecimento unificado

A **holoepistemologia** tem como base, antes de mais nada, um primeiro princípio de “totalidade” (“*Holos*”). Porém, essa totalidade, esse “Todo”, não se constitui como um absoluto, desvinculado da individuação do Ser nem como composto ou agregado de partes. O paradigma holístico emerge hoje como “nova estrutura do Todo-e-as partes”. O “Todo” ao qual hoje aspiramos é uma unidade de sentir-e-de ser. Um anelo de participar na vida de todos, sem deixar de ser. Uma dinâmica de interação entre o indivíduo e a comunidade social. Uma estruturação homogênea de valores espirituais-e-materiais.

Ao falarmos de **holoepistemologia**, reconhecemos a insuficiência do conhecimento fragmentado para dar resposta global à grave crise da humanidade de nosso tempo, mas também reconhecemos a insuficiência de um absoluto metafísico, desvinculado da consciência individual, do tempo histórico e da energia cósmica.

Se bem reconheçamos que já não cabem esforços isolados e que a humanidade como um “todo” deve pôr-se a caminho, para abrir as rotas da civilização planetária

^{1 1} Introdução ao curso que o Dr. Ramón P. Muñoz Soler e um grupo de colaboradores desenvolveram (setembro de 1987) na “Sociedade Científica Argentina”.

do terceiro milênio, também percebemos a urgência de que “cada um” dos povos da Terra contribua para con-stituir esse todo, com sua própria identidade cultural, telúrica e espiritual. E que “cada indivíduo”, em função da consciência do ser, atualize em si mesmo a potencialidade do Todo - na medida de seu esforço e de seu sacrifício.

Holoepistemología então é algo mais que uma nova “teoria” do conhecimento. É o próprio conhecimento, em função do “Todo-e-das partes”. Esta nova função, que caracterizamos como “paradigma holístico”, se revela a nós com fins práticos, como postulado de **não-contradição** entre o conhecedor e o conhecido, como dinâmica de **complementariedade** entre o caminho do conhecimento e o caminho da vida. E, como expressão de **medida** entre o Todo e as partes.

Atualizo o Todo quando o re-conheço em minha própria medida (analogia holoepistemológica com a noção de “medida”, em mecânica quântica). Aqui, o instrumento de medida sou “eu mesmo”. E “sou eu mesmo” quando entro em ressonância com o “Todo”. Conheço o Todo quando posso nomeá-lo com minha própria palavra (“egoência do Ser”). Isso não quer dizer que possa dizer tudo, porque o “todo” que estou pronunciando é, ao mesmo tempo, a medida de minha própria insuficiência. Como diz o poeta Rilke (citado por Margenau e Le Shan): “Feliz aquele que sabe que, depois que tudo tenha sido dito, ainda fica o inexpressável”.

Holoepistemologia como gen-ética do desenvolvimento humano

Da metafísica do conhecimento, passamos à metafisiologia do desenvolvimento. O “princípio” do conhecimento é, ao mesmo tempo, princípio de “ação”, “energ-ética” dos valores e “geo-metria” da vida. Dito de outro modo, o conhecimento e a vida aparecem como funções diferenciais de um movimento único (“*holomovement*”, para utilizar o termo de David Bohm).

Para aproximar-nos da compreensão desse movimento único, já não podemos valer-nos de postulados conceituais e sim, de postulados/dinâmicos que constituem fases, pulsos ou dimensões de um mesmo processo co-evolutivo de interação entre a vida humana e a vida cósmica.

A modo de “sinais” para o caminho, formularemos três postulados/dinâmicos que aparecem como outros tantos “momentos” da nova etapa de desenvolvimento humano que se vislumbra no horizonte do porvir.

1. O primeiro postulado é **Com-preensão**.

Não só compreensão, mas com-preensão: abertura de mente-e-corção. Compreendo-e-amo (primeiro movimento de interioridade da consciência; da consciência objetiva à consciência de si). Aqui, o ponto central é meu próprio **ser**, com **todas** as suas possibilidades. Agora posso falar comigo mesmo, porque não existe divisão dentro de mim mesmo.

Consciência de si.

2. O segundo movimento é **Participação**.

Expansão de consciência na comunidade social. Participação no trabalho, nas necessidades e no sacrifício de **todos** (segundo movimento de consciência/vontade individual no corpo orgânico da comunidade social/ecológica). Aqui, o ponto central é minha própria **vida**. Agora posso falar com todos porque eu sou eu mesmo.

Consciência social/ecológica

3. O terceiro movimento é **Reversibilidade**.

Reversibilidade de valores. Transcendência espiritual (terceiro movimento de liberdade interior. Oferenda de valores pessoais. Mística do coração). Aqui, o ponto central é o Mistério, o Des-conhecido. Agora posso falar com Deus-e-com a humanidade porque renunciei a mim mesmo.

Consciência Espiritual.

Holoepistemologia como fundamento metodológico de síntese

O trânsito do método científico experimental (com fundamento no paradigma de fragmentação) para o método holístico (enraizado na totalidade do Ser) exige um salto dimensional que não só afeta a “forma” do conhecimento, mas a “vida” do próprio ser humano, implicado no conhecimento.

Para alcançar a nova síntese do conhecimento-e-da vida, é preciso assentar as bases metodológicas para o desenvolvimento integral do ser humano. Não só o método para conhecer, mas o caminho para viver. Não só uma “pedagogia” para o sistema educativo, as universidades e as escolas, mas uma “logotécnica” para o trabalho criador, uma “organização” para a atividade social, uma “mística” para o desenvolvimento espiritual. Isto é, trata-se de criar os instrumentos de síntese para o desenvolvimento daquelas potencialidades humanas que ficaram latentes e, em muitas ocasiões, desviadas devido ao desenvolvimento unilateral da atual civilização materialista, racionalista e técnica. O antigo método cartesiano de “dividir para conhecer” caducou e a Universidade profissionalista e divisionista que conhecemos deve dar passagem à Universidade do homem.

Tudo faz pensar que já possuímos os recursos técnico-instrumentais para passar do mundo fragmentado que conhecemos, à comunidade planetária global.

Mas, a ciência se adiantou à consciência. Já conseguimos transformar a matéria em energia, conseguimos decifrar o código genético e criar a rede mundial de informática. Mas, ainda nos falta liberar a energia humana indispensável para unir os valores da alma à química da vida. Trata-se de uma nova forma de energia ainda pouco conhecida, energia de “ressonância por similitude”, “função de enlace” do coração humano entre as forças da natureza e a luz invisível do espírito. Esta “função de Aliança”, preservada até agora pelos amantes e pelos místicos, começa a manifestar-se em forma visível no “corpo” orgânico da humanidade. Trata-se de “canais de ressonância” (análogos aos criados por interação de partículas, no mundo subatômico), ‘canais’ por onde circulam poderosas energias (inter-humanas, telúricas e cósmicas). O duplo circuito integrado, de “informática-e-telecomunicações” (por fora) e “ressonância humano/telúrico/cósmica” (por dentro) é o que constitui o novo organismo circulatório da humanidade, fundamento biotécnico de uma economia humana co-evolutiva. Com esta nova energia, já começamos a construir a Terra.

A incorporação da “fisiologia” humana ao processo co-evolutivo da vida cósmica está se realizando hoje por dois caminhos divergentes, um caminho de ascenso (por des-integração de massa, liberação de energia e expansão de consciência), e outro em descenso (implosão de massa, queda de energia e obscurecimento de consciência). O forte sentido de posse do homem terrestre (gravitação de sua própria materialidade) constitui uma barreira muito difícil de cruzar. E isso só se consegue, em nossos dias, através de um sacrifício coletivo. A nova educação, a nova metodologia de síntese, a nova “maiêutica” dos mestres do futuro tornarão mais fácil o caminho em direção às estrelas.

O salto metodológico ao qual fazíamos referência exige hoje uma nova linguagem e um novo instrumento.

Nova linguagem

Hologramática, dom de línguas. A linguagem conceitual se torna insuficiente para traduzir a dinâmica **semântico/vibratória** da mensagem pós-moderna. Seu “verbo” é **holofônico** e **polifônico**, ao mesmo tempo. Sua “forma” é uma coreografia de signos reversíveis, uma dança de espírito/matéria, um drama de luzes e sombras. Sua “voz” é audível e inaudível, expressável e in-expressável. A totalidade da mensagem, seu “Holos”, sua “holofonia”, não são representáveis pelo todo através de um sistema de conceitos. Uma parte da mensagem fica sempre oculta, é sua face invisível, não representável. O pensamento científico e a visão profética se encontram nos cumes da revelação, mas sempre fica o inefável, aquilo que não se pode dizer. A ciência nos oferece resultados concretos, formulações determinadas. A mística revela intuições profundas (mas obscuras) do sentir e do ser. Mas, a fórmula de campo unificado nos escapa continuamente das mãos. É o limite do instrumento humano.

Novo instrumento

Para cruzar a barreira do conhecimento fragmentado já não é suficiente um novo modelo epistemológico. É preciso um novo instrumento humano. Esse novo instrumento já não é só o investigador individual (o homem de gênio, o sábio, o artista, o místico). Nem sequer as “equipes” interdisciplinares que conhecemos, mas um novo “órgão” do saber, con-figurado como “holograma humano”.

O “holograma humano” é um circuito integrado por “funções diferenciais-em ressonância de similitude” (um aparente paradoxo). Mas, é precisamente esse paradoxo (como ocorre, analogicamente, com o holograma técnico) - paradoxo de ressonância - o que traz à tona o “vínculo” intrínseco entre o Todo e as partes.

Em realidade, o “holograma humano” é um novo “espaço”, o “espaço do encontro humano” (como diz Santiago René Barbuy). Não é um espaço “cheio” e sim, um espaço “vazio”. Não é o espaço “cheio de cada um” nem o espaço “cheio de todos”. Tampouco é o vazio do nada, mas a potencialidade do vazio, o espaço que está “entre” nós. Esse espaço precisa ser criado. É uma nova forma de comunicação humana que conjuga a proximidade com a distância, integra a semelhança com a diferença. Re-úne a diversidade de funções, na unidade criadora do conhecimento-e-da vida.

Ao introduzir na metodologia da investigação um “fator humano” de consciência/energia, mais ainda, ao integrar a própria vida do investigador no instrumento de investigação, as novas equipes científico-técnicas rompem o isolamento imposto pela vontade de poder e, por ressonância de similitude, assumem a hierarquia de “órgãos do saber”, na fisiologia logotécnica do corpo planetário. Nestes centros de síntese, o conhecimento não é só informação, mas “plasmação”. Aqui, o fator humano opera como “catalizador” na grande obra de transformação da matéria social em energia cósmica.

Metodologia do curso como micromodelo de síntese

Em cada uma das reuniões, apresentarei o tema como “modelo de síntese”, utilizando para isso uma linguagem intuitivo/simbólica. Depois, o mesmo tema será apresentado por cada um dos colaboradores, sob a forma de “modelo prático” em determinada área (ciência, educação, arquitetura, arte) e a linguagem será predominantemente analítico descritiva. Cada um dos presentes no curso contribuirá com a sua, através da palavra ou do silêncio. No cruzamento de “padrões linguísticos” (análogo ao cruzamento de padrões de interação de luz, no holograma técnico) irão se revelando, em diferentes línguas, a holofonia da mensagem e a interação dinâmica entre o Todo-e-as partes.

Metodologia holística

O holograma humano é instrumento analógico (é como uma catedral gótica, órgão de ressonância analógica).

Do circuito técnico passamos ao “circuito humano de ressonância analógica”, um “órgão” desaparecido na atual civilização técnica (ao desaparecer, ficamos privados da comunicação com o mundo arquetípico). Essa comunicação não pode ser recuperada através de um novo instrumento técnico, mas através de um novo instrumento humano.

Diz Octavio Paz: “Graças à técnica, o homem se encontra, depois de milhares de anos de filosofias e religiões, à intempérie. A consciência da história se revelou como consciência trágica. O agora já não se projeta em um futuro: é um sempre instantâneo. Reduzidos a um presente que se estreita cada vez mais, perguntamos: para onde vamos? Em realidade, deveríamos perguntar-nos: em que tempo vivemos? Não acredito que ninguém possa responder com certeza a essa pergunta” (*O arco e a lira*, pg. 265).

O que acontece, penso eu, é que não se pode responder dentro do tempo. Devido a que nos encontramos, precisamente agora, nas “fronteiras do tempo”, o novo tempo só aparece por **revelação**.

O holograma humano cria as condições (humanas) para aceder a essa revelação. A metodologia já não está centrada unilateralmente na vontade de poder e sim, na necessidade de criar. A nova criatividade surge de novos grupos criativos, ainda muito escassos, pois a maior dificuldade é a separatividade humana. Estes grupos de investigação são verdadeiros “chakras” planetários (a maioria deles desconhecidos) que ‘produzem’ não só conhecimento, mas também energia (conhecimento radiante, nova força de plasmação).

Algumas das condições para o despertar desta ação criativa são apontadas por Edward Matchett, em seu livro “*Journeys to Nothing in the Land of Everything*” (Turnstone Books, 1975, 37 Upper Addison Gardens W14, London).

HOLOEPISTEMOLOGIA

O que quero dizer com **holoepistemologia**?

Não é uma nova “teoria” do conhecimento, mas o próprio “conhecimento”.

Mas, e o que é o conhecimento?

Prefiro não responder a esta pergunta e deixar que cada um de nós, na medida da experiência que formos assimilando no curso, nos demos nossa própria resposta.

Em termos muito gerais, quando falo de holoepistemologia me refiro a:

- uma atitude de abertura
- um modo abarcante/includente de ver o mundo-e-de ver-me a mim mesmo
- um sentido de pertinência co-evolutiva do ser individual no corpo orgânico do Universo: que “lugar” ocupo no Todo? Qual “função” me corresponde nesse Todo?

Esse modo abarcante de ver as coisas, esse sentido/includente do conhecimento-e-da vida, essa consciência de interação dinâmica entre o Todo-e-as partes, é formulado hoje como “paradigma holístico”. O “deslocamento” do paradigma de fragmentação para o paradigma holístico é um dos sinais visíveis da mensagem do novo signo do tempo.

Vivemos hoje na fronteira entre estes dois mundos. Porém, nessa fronteira, o emergente holístico é apenas uma “luz inicial”. Em troca, o que predomina, tanto na ordem do conhecimento quanto na ordem da vida individual e social, é o antigo

paradigma de fragmentação newtoniano-cartesiano. No cume de nossa civilização científico-técnica, temos hoje maior precisão no conhecimento das partes, mas perdemos a visão do Todo.

- as ciências estão divididas
 - as universidades estão divididas
 - os seres humanos estão divididos (o conhecimento se separou do ser, o sexo se separou do amor e da vida).
-
- Perdemos a imagem do mundo
 - Perdemos o sentido de pertinência no corpo da humanidade (tornamo-nos estranhos uns para os outros)
 - Perdemos o contacto com a energia cósmica (já não sentimos as forças vivas da Terra nem escutamos o rumor das estrelas)
 - Perdemos o sentido de transcendência. Já não escutamos a voz de Deus.

Resumindo:

Nos limites do paradigma de fragmentação, descobrimos que:

- O caminho do conhecimento se separou do caminho da vida.
- A sociedade científico-técnica de nosso tempo se separou das grandes tradições espirituais da humanidade. Já não existe linguagem comum entre elas.